

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL REI

LETRAS

DANIELLE CÁSSIA GOMES ROCHA

**ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO DE POESIAS FEMINISTAS APRESENTADAS
NAS BATALHAS DO “SLAM DA GUILHERMINA”**

SÃO JOÃO DEL REI

2021

DANIELLE CÁSSIA GOMES ROCHA

**ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO DE POESIAS FEMINISTAS
APRESENTADAS NAS BATALHAS DO “SLAM DA GUILHERMINA”**

Trabalho apresentado à banca examinadora da Universidade Federal de São João del Rei, como requisito para a obtenção do título de Licenciatura em Letras (Língua Portuguesa).

Orientador: Prof. Dr. Cláudio Márcio do Carmo

SÃO JOÃO DEL REI

2021

DANIELLE CÁSSIA GOMES ROCHA

**ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO DE POESIAS FEMINISTAS APRESENTADAS
NAS BATALHAS DO “SLAM DA GUILHERMINA”**

Trabalho de conclusão de curso aprovado pela banca examinadora para a obtenção do grau de licenciatura, no curso de Letras da Universidade Federal de São João del Rei.

Aprovado em 14 de junho de 2022:

Prof. Dr. Cláudio Márcio do Carmo

Prof. (a) Orientador (a)

Profa. Dra. Nádia Dolores Fernandes Biavati

Prof. (a) Avaliador (a)

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar as denúncias e exposições feitas no discurso presente em poesias feministas apresentadas no *Slam da Guilhermina*. Para isso foram utilizados pressupostos teóricos e metodológicos da Análise Crítica do Discurso, mais especificamente o modelo tridimensional de Norman Fairclough, a relação entre discurso e poder defendida por Van Dijk e a questão da dominação masculina de Pierre Bourdieu. A análise é desenvolvida tendo como *corpus* três poesias feministas apresentadas no *Slam* que, no final da análise é possível o modo que discurso presente nas poesias consegue denunciar e expor o poder e ações do machismo na sociedade. E não só isso, é possível notar o desejo através do discurso de causar transformações no contexto social atual.

PALAVRAS-CHAVE: Análise Crítica do Discurso; Feminismo; Machismo; *Slam*.

ABSTRACT

This article aims to analyze the denunciations and exposures made in the discourse present in the feminist poetry presented in Slam da Guilhermina. To this end, we used theoretical and methodological assumptions of Critical Discourse Analysis, more specifically the three-dimensional model of Norman Fairclough, the relationship between discourse and power advocated by Van Dijk and the issue of male domination of Pierre Bourdieu. The analysis is developed having as corpus three feminist poems presented in Slam that, at the end of the analysis it is possible how the discourse present in the poems can denounce and expose the power and actions o machismo in Society. Finally, it is possible to note the desire through the discourse to bring about change in the current social context.

KEYWORDS: Critical Discourse Analysis; Feminism; Machismo; Fairclough; Slam.

1. INTRODUÇÃO

No ano de 2020, foram registradas mais de 105 mil denúncias de violência doméstica e familiar contra a mulher, realizadas em todo o território nacional, através dos canais de atendimento: Disque 100 e Ligue 180, de acordo com dados retirados no site do Governo Federal no campo “Ministério da mulher, da família e dos direitos humanos”¹. No mesmo ano, no primeiro semestre, foram registrados, também no Brasil, cerca de 22.201 casos de estupro de vítimas femininas maiores e menores de idade, de acordo com os dados do Anuário do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP)².

Apesar dos dados revoltantes e preocupantes, ainda há, infelizmente, indivíduos com mentalidades machistas que tratam a problemática da violência contra a mulher como algo banal. No ano de 2021, por exemplo, o site de notícias “Uol” publicou o caso do professor do curso de Engenharia de Produção, Ricardo Germano Efig, da Uniguaçu, que durante a sua aula online do dia 12 de março de 2021 proferiu um comentário extremamente insensível e machista³.

Em pleno século XXI é inadmissível esse tipo de dizer, ainda mais vindo de um professor que tem o papel de ensinar e contribuir com a formação de um indivíduo. E mais, que carrega a responsabilidade de um discurso com forte poder de influência e que jamais deveria tratar um assunto tão sério com tanta imprudência.

Ao ignorar toda a dor e desespero da vítima e ao sugerir que a mesma aproveite o momento, já que ela não teria escapatória, ele está orientando as alunas a não reagirem e simplesmente aceitarem, descriminalizando tanto o ato quanto o ator e ao fazer isso, ele também está influenciando, com seu discurso, a ação do indivíduo que tem tendência a praticar esse crime.

¹ Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/assistencia-social/2021/03/canais-registram-mais-de-105-mil-denuncias-de-violencia-contra-mulher-em-2020>. Acesso: 12 de setembro de 2021

² Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2020/10/anuario-14-2020-v1-interativo.pdf>. Acesso: 13 de setembro de 2021

³ Disponível em: <https://www.bol.uol.com.br/noticias/2021/03/21/professor-demitido-comentario-estupro-aula-faculdade-parana.htm>. Acesso: 13 de setembro de 2021

Além disso, o ambiente, no caso o escolar, não deveria ser um local para um comentário tão infeliz. Muito pelo contrário, é um local onde deve reinar o respeito. E esse professor ao ter a irresponsabilidade de proferir esse tipo de discurso está indo contra seu papel social e está ferindo seus discentes, não só as alunas – para quem o comentário está sendo direcionado “Desculpe, **meninas**” - como também todos os alunos homens que são vítimas desse crime.

Realmente é uma fala muito problemática vinda de um educador que deveria prezar pelo ensino do oposto, então torna-se mais difícil de entender a capacidade desse indivíduo de proferir tais palavras diante de um cenário social que está manchado com o sangue de tantas vítimas de estupro. A dor, a vergonha e o medo são como fantasmas nas vidas dessas pessoas, pois, mesmo após anos, elas não esquecem de cada detalhe vivido no momento do crime. E só quem sentiu a horrível sensação de ter nojo do próprio corpo e culpa pelo ocorrido entende o que é ter a dor te consumindo.

Assim, diante da disseminação e naturalização, ao longo dos anos, de atitudes e do discurso machista, como a exemplificada anteriormente, entende-se a necessidade de haver no âmbito social um espaço, de preferência público, para que as mulheres possam falar abertamente sobre a realidade vivenciada e conscientizar outros indivíduos sobre a importância de haver equidade e respeito entre todos. Para isso, as batalhas de poesias denominadas *Slam* (termo originário do inglês que significa batida) são um excelente espaço para que as mulheres possam, através da poesia, expor o machismo e estimular o empoderamento feminino.

Desse modo, com o intuito de instigar e analisar a importância do poder de ação do discurso feminista, diante de um contexto social fortemente machista, o presente trabalho terá como objetivo contextualizar o *Slam* e sua ligação com o movimento feminista (explorando a história desse movimento), em seguida explicar a problemática machista e, por fim, realizar uma análise crítica do discurso das transcrições de algumas poesias que foram criadas e apresentadas por mulheres negras nas batalhas do *Slam Poetry* (traduzido literalmente do inglês “batida da poesia”) que ocorreu na Vila Guilhermina, zona leste paulistana, no ano de 2018.

As poesias “Feminismo e Cu”, “Receba a delicadeza” e “Abusivo” das seguintes *slammers* (nome utilizado pelos poetas do *Slam*), Monique Martins, Tawane Theodoro e

Mariana Felix que serão analisadas, abordam diferentes temas que são reivindicados nas lutas feministas: o assédio, o ego e a falsa superioridade masculina, o desrespeito, a violência doméstica e a busca por empoderamento e reconhecimento, sem desigualdade e preconceito.

A escolha dessas poesias para esta pesquisa advém do fato de haver necessidade, cada vez maior, de se tratar de problemáticas que nós mulheres lutamos para vencê-las e de dar maior visibilidade para nossas lutas e para o discurso feminista que precisa ser visto com maior seriedade pela sociedade. Desse modo, as poesias que Monique, Tawane e Mariana fazem é um ato de extrema bravura, que espalha esperança e coragem para quem assiste. Além disso, falando de um âmbito pessoal, essas inspiradoras poetisas conquistaram a minha admiração e me fizeram refletir sobre a minha, ainda curta, porém, desafiadora jornada como mulher dentro de uma sociedade fortemente machista.

Deste modo, a partir delas, buscaremos também entender, através da análise crítica, o poder presente no discurso machista que foi naturalizado socialmente e as consequências desse poder para as mulheres.

A análise se baseará no modelo tridimensional desenvolvido pelo linguista britânico Norman Fairclough, presente em seu livro “Discurso e Mudança Social” ([1992]2001), no livro “Discurso e Poder” do autor Teun A. Van Dijk (2008) e na obra “Dominação masculina” do autor Pierre Bourdieu (2012).

2. SLAM POETRY

Para Silva (2018) definir o *Slam Poetry* como “batalhas de poesia pode ser considerado insuficiente e simplista”, pois ele vai muito além disso, ele é uma oportunidade de cunho político e social para que os marginalizados pela sociedade (mulheres, negros, pobres, LGBTQIA+, moradores de comunidades etc.) possam, através da poesia e do seu próprio talento, expor e, principalmente, serem ouvidos, sobre todo o preconceito, dor, violência e silenciamento que vivenciam diariamente:

[...] o *slam* é, empiricamente, esse lugar de equivalência democrática, no qual diversas lutas se encontram em um corpo engajado. A forma poética e performática é a identidade dessas lutas transformadas, o meio pelo qual as vozes de uma multidão de artistas periféricos e marginalizados deixam de ser invisibilizadas. (SILVA, 2018, p. 11)

Diante disso, o *Slam* vê a necessidade de criar o seu próprio modo de fazer poesia não se prendendo às regras de métrica e estrutura das poesias clássicas:

Na *slam poetry*, a poesia deixa o ambiente acadêmico, abandona os circuitos tradicionais de curadoria e produção de sentido, flerta com a canção popular e torna-se uma prática coletiva e, como tal, se estabelece no limite entre o oral, o escrito e o visual, fazendo da performance um elemento central. (FREITAS, 2019, p.3)

Essa liberdade de expressão possibilita o poeta falar tudo o que está "agarrado na garganta", sem se sentir preso às estruturas e regras. É um modo de fazer poesia moderno que torna o *Slam* "além de um acontecimento poético, um movimento social, cultural, artístico [...]". (D'ALVA, 2011, p. 120).

Em uma entrevista para o blog "Escrevendo o futuro"⁴, no ano de 2020, a precursora do *Slam* no Brasil, Roberta Estrela D'Alva, fala sobre a abertura proporcionada pelo *Slam*:

Ninguém dá voz para ninguém, todo mundo já tem voz. As mulheres negras têm voz, a periferia tem voz, as crianças têm voz, os idosos têm voz, os LGBTQI+ têm voz. Agora, que essa voz seja ouvida, aí é outra coisa. Falar não é a mesma coisa que ser ouvido. É isso, um lugar onde as pessoas se sentem ouvidas e representadas. (D'Alva, 2020, s/p)

E dentro de uma sociedade ainda bastante preconceituosa é preciso que essas vozes sejam ouvidas para que possam contribuir com o pensamento crítico e reflexivo dos sujeitos, diminuindo, assim, as chances de serem ainda mais manipulados pelo poder de dominação de diversos discursos, como o machista:

[...] a manipulação implica o exercício de uma forma de influência deslegitimada por meio do discurso: os manipuladores fazem os outros acreditarem ou fazerem coisas que são do interesse do manipulador, e contra os interesses dos manipulados. (VAN DIJK, 2018, p. 234)

O poder de dominação pode ser justificado, também, pela dominação tradicional, teoria desenvolvida pelo filósofo Max Weber (1982) no qual diz que a legitimidade da dominação

⁴ Disponível em: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/blog/literatura-em-movimento/a-poesia-sempre-vence/>. Acesso: 14 de setembro de 2021

advém do habitual, da rotina, que contribui para que o poder machista, por exemplo, seja sempre renovado por futuras gerações. Pois, por ser um discurso que sempre foi passado de geração para geração, acabou se tornando uma tradição, algo que “sempre foi assim”, dificultando a “quebra das correntes” pelos dominados.

Se por um lado temos o dominador, do outro temos ainda temos indivíduos, principalmente aqueles com mentes conservadoras e tradicionalistas, que aceitam ou concordam com a dominação e que a tratam como algo correto ou necessário. Esse tipo de atitude fortalece o poder de domínio. Pois, caso o contrário o machismo, por exemplo, não teria a força que tem:

O poder simbólico é um poder que aquele que lhe está sujeito dá àquele que o exerce, um crédito com que ele o credita, uma fides, uma *auctoritas*, que ele lhe confia pondo nele a sua confiança. (BOURDIEU, 1989, p. 188)

Em razão disso, o fato de o evento ocorrer em uma praça, local público, onde é possível receber um número grande de ouvintes, sem qualquer restrição, é ideal. Porque essas poesias, baseadas no discurso feminista, conseguem atingir um maior número de pessoas de forma que elas ao passarem por ali, mesmo que não gostem do que estão ouvindo ou não finquem para participar de todo evento, ainda assim, serão afetadas, pelas palavras ditas pelas poetisas. Aliás, esse é um dos objetivos principais dos *slammers*, causar o afetamento:

Os poetisas que entram nessa arena, sabem que terão que emocionar a audiência, seja pelo humor, pelo horror, pelo caos, pela doçura, pela perturbação ou pelas inúmeras sensações emocionais e corporais que propõem, e os mais diversos recursos são usados por eles para atingir esses fins. (D’ALVA, 2011, p.123)

Dentro desse espaço, a plateia tem um papel muito importante, por isso não pode ser composta por meros ouvintes-passivos, ou seja, aqueles que somente escutam e não absorvem o que lhes é passado. O público precisa ser ativo diante do que está ouvindo, agindo de modo a concordar ou discordar, refletir e responder o falante. Mikhail Bakhtin, em seu livro “Estética da criação verbal”, discorre sobre essa posição ativa responsiva do ouvinte:

(...) o outro, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo etc.; essa posição responsiva do ouvinte se forma ao longo de todo o processo de audição e compreensão desde o seu início, às vezes literalmente a partir da primeira palavra do falante. Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente

responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso); toda compreensão é preñe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante. (BAKHTIN, 2003, p. 271)

A partir da fala de Bakhtin é preciso que tenhamos em mente que não é porque somos mulheres que temos que concordar totalmente com o discurso feminista. Precisamos manter nossas mentes abertas, porém críticas, no sentido de absorver toda informação que nos é entregue e saber refletir e discordar, quando necessário, para que não ocorra o risco de nos libertarmos de uma dominação e ser manipuladas por outra. O feminismo defende em seu discurso a liberdade da mulher e por isso precisamos nos sentir livres para termos nossas próprias opiniões dentro do movimento, ou seja, de não ter medo ou vergonha de não concordar com as palavras das *slammers*, por exemplo.

Após essa breve apresentação do *Slam* e do fato de ele ser um sucesso no nosso país, é necessário destacar que o movimento *Slam Poetry* ou batida da poesia (traduzindo literalmente do inglês) não surgiu no Brasil. De acordo com Freitas (2020, p. 2), o campeonato de poesia falada, tendo como fundador o poeta, Marc Kelly Smith, surgiu no ano de 1984, em Chicago (Estados Unidos), tendo uma forte influência da cultura do *Hip Hop*.

Marc Kelly, também conhecido como “*Slam Papi*”, deu início ao movimento em um bar de *Jazz*, em Chicago, de modo mais intimista. Partindo dos bares, o *Slam* adentrou as periferias de Chicago, conquistando cada vez mais pessoas. No ano de 1990, o campeonato atingiu o nível nacional com o primeiro *National Poetry Slam*.

Atualmente, o campeonato que conquistou o nível mundial, ocorre anualmente em Paris, na França, na “Copa do Mundo”. O evento reúne cerca de 20 *slammers* que representam seus respectivos países. O ⁵website “*Grand Poetry Slam*” traz todas as informações sobre a *Le slam national et la coupe du monde de poésie*, além de apresentar a magnitude internacional do *Slam*.

No Brasil, as competições chegaram no ano de 2008 e se tornaram um sucesso por causa da *slammer* brasileira, precursora, Roberta Estrela D’Alva. Formada em artes cênicas pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, Roberta argumenta em um

⁵ Disponível em: <http://grandpoetryslam.com/>. Acesso em 23 de setembro de 2021

vídeo do canal do *Youtube*⁶ “Itaú Cultural” denominado “Roberta Estrela D’Alva – Série Cada Voz (2019)”, sobre a importância desse movimento diante de um governo e de uma sociedade extremamente conservadora e preconceituosa:

A entrada de um governo conservador, para não falar outra palavra, é esperado que se tire cultura e educação e que se tire voz, que faça com que as vozes não sejam mais ouvidas. O *Slam* funciona porque é a molecada falando o que pensa. (SÉRIE CADA VOZ, 2019)

Em praça pública, reunindo pessoas de diferentes gêneros e idades, as disputas reúnem poetas que desejam ganhar as batalhas nacionais e representar o Brasil na Copa do Mundo de *Slam*, apresentando poesias de própria autoria, que abordam temas sociais, culturais e políticos sem esquecer de respeitar todas as regras da competição, que são “poemas próprios, de no máximo três minutos, apresentados sem acompanhamento musical, adereços e figurinos.” (D’ALVA, 2019, p. 3)

É interessante observar toda essa evolução do *Slam* e as suas transformações, pois ele parte de um bar, local fechado e de certa forma seletivo, porque nem todo mundo tem acesso e se transforma e evolui para algo totalmente diferente. Ambas as fotos, logo abaixo, são um ótimo exemplo dessas mudanças sofridas no movimento.

Na primeira foto temos Marc Kelly Smith apresentando seu *Slam* no *Green Mill*, local onde começou o movimento, como podemos notar, é um local onde se reuni poucas pessoas e por haver um palco, acaba distanciando o falante do ouvinte, dificultando uma troca de pensamentos e opiniões. Porém, na segunda foto temos uma apresentação do *Slam* da Guilhermina e nele há uma maior abertura para que se tenha mais trocas entre o *slammer* e o público, pois não possui “barreiras” (paredes). Isso demonstra a abertura proporcionada pelo movimento para qualquer indivíduo que queira se apresentar ou ser jurado.

⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6f7JEldh7lk&t=2s>. Acesso em 23 de setembro de 2021

Slam: Apresentação de Marc Kelly Smith no Green Mill



Fonte: <https://greenmilljazz.com/media/#photos>

Slam: Batalhas de poesias em Void, Pinheiros - SP



Fonte: <https://vejasp.abril.com.br/cultura-lazer/slams-campeonato-poetico/>

No caso da apresentação de tema feminista, pode-se notar um fator interessante, a presença no plano de fundo de desenhos de personalidades feministas (imagens 1 e 2) que lutaram pelos direitos das mulheres, o que contribui com a composição, o tema e as apresentações. Além disso, os desenhos reforçam a força e a luta feminista, pois foram mulheres que não abaixaram a cabeça para o machismo e não se calaram diante do preconceito e da violência. Por isso a importância de elas estarem presentes, para que não possamos esquecer de todo o passado do movimento que permitiu que estas *slammers* pudessem, através de suas poesias, protestarem em busca de seus direitos.

Imagem 1: Vídeo: Apresentação de Monique Martins da sua poesia “Feminismo e Cu”



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=SdF5Yo2l5tQ&t=110s>. Acesso: 03/11-21

Imagem 2: Apresentação de Midria de sua poesia “Siririca”



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=1MdTBRmXc_k&t=1s. Acesso: 03/11/21

Infelizmente, no nosso país não há tanta divulgação do campeonato como ocorre em outros países que incentivam e divulgam o evento. Pode-se sugerir que um dos motivos de não termos o mesmo tratamento no Brasil é, pois, primeiramente, por grande parte da arte advinda de periferias ou das consideradas “minorias” não serem valorizadas e consideradas arte. E em segundo, o governo, principalmente o atual, que não demonstra muita preocupação em investir na cultura e na arte brasileira. Essa situação não é só revoltante, como também triste. É o que afirma Ulisses Galetto, pesquisador de políticas públicas de cultura, em uma curta entrevista para o website “Brasil de fato Paraná”⁷:

Essa falta de reconhecimento da cultura e arte está diretamente ligada à qualificação dos gestores, às pessoas para as quais damos nosso voto. Isso é fruto de certa ignorância sobre o setor. As pessoas simplesmente não compreendem que investir em cultura dá retorno para a sociedade muito maior que indústria ou outras áreas em que o Estado investe pesado. (GALETTTO, 2019, s/p)

Contudo, apesar dos desafios, no país, o *Slam Poetry* possui vários seguimentos que estão se popularizando, como o *Slam* das Minas, local onde somente mulheres podem batalhar, o *Slam* Marginália, onde somente travestis, trans e gênero-dissidentes batalham e temos também o *Slam* do Corpo, onde ocorrem batalhas entre ouvintes, surdos e intérpretes. Assim, o *Slam* vai abrindo espaço para a diversidade e a acessibilidade.

O sucesso do campeonato de poesia falada não está crescendo somente nas praças do país. Através das redes sociais (Facebook, Instagram, Twitter) e, principalmente, no site de vídeos, *Youtube*, o *Slam* está alcançando um número cada vez maior de telespectadores. Um exemplo é o canal do *Slam* da Guilhermina, que atualmente possui mais de 45,2 mil inscritos, 486 vídeos publicados e mais de 2.689.865 visualizações. Esses números já nos mostram um pouco do sucesso que o *Slam* brasileiro está conquistando.

Diante do que foi apresentado, nesta pesquisa, voltaremos nossos estudos para três vídeos publicados no canal *Slam* da Guilhermina, das *slammers* Monique Martins, Tawane Theodoro e Mariana Felix, pois eles abordam importantes formas de atuação do machismo. Esse *Slam* nasceu no ano de 2012, tendo como cofundador, o ator, dramaturgo, escritor e

⁷ Disponível em: <https://www.brasildefatopr.com.br/2019/01/09/paises-ricos-sao-os-que-mais-investem-em-arte>. Acesso em 28 de setembro de 2021

também *slammer*, Emerson Alcalde, suas competições, que reúnem um número significativo de pessoas, ocorrem na praça ao lado da estação Guilhermina-Esperança na Zona Leste da cidade de São Paulo, na última sexta-feira de cada mês.

3. FEMINISMO E *SLAM POETRY*

Antes de realizar a análise crítica do discurso das poesias é preciso discorrer sobre a história do movimento feminista, pois ele servira de base para a análise. Portanto, iniciaremos explicando a necessidade e importância de sua existência social, principalmente na vida das mulheres.

Por séculos a dominação masculina coloca as mulheres em posição inferior à dos homens, as denominando como:

objetos simbólicos, cujo ser (esse) é um ser-percebido (percipi), tem por efeito colocá-las em permanente estado de insegurança corporal, ou melhor, de dependência simbólica: elas existem primeiro pelo, e para, o olhar dos outros, ou seja, enquanto objetos receptivos, atraentes, disponíveis. Delas se espera que sejam "femininas", isto é, sorridentes, simpáticas, atenciosas, submissas, discretas, contidas ou até mesmo apagadas. (BOURDIEU, 2012, p.38)

Desse modo, ao determinarem sobre como deve ser o sujeito mulher, juntamente com seu papel social, o machismo também determinou em qual espaço elas devem atuar e se comportar, sendo sempre carinhosas, atraentes, discretas como se fosse um “objeto” como pontua Bourdieu. Assim a dominação as restringe ao espaço doméstico: “Os homens continuam a dominar o espaço público e a área de poder (sobretudo econômico, sobre a produção), ao passo como as mulheres ficam destinadas (predominantemente) ao espaço privado (doméstico, lugar da reprodução)”. (BOURDIEU, 2012, p. 112.)

O papel de reprodução mencionado por Bourdieu como destino feminino é uma das funções mais cobradas das mulheres, ao ponto de que se uma mulher optar por não ter filhos, por exemplo, é obrigada a conviver com comentários e julgamentos extremamente preconceituosos “mulheres sem filhos são frequentemente estigmatizadas, e a manutenção dos

preconceitos geralmente provoca sentimentos de exclusão e anormalidade.” (MANSUR, 2003, p. 3)

Desse modo fica claro que o pensamento de que a maternidade sempre esteve ligada ao papel feminino e não do masculino é um discurso defendido pelo machismo, que ignora as vontades da mulher, para que a sua própria vontade seja vigorada, neste caso, de que a mulher deve seguir os termos de feminilidade criada por esse discurso:

A ideia de que as mulheres formariam um conjunto de sujeitos definidos a partir de sua natureza, ou seja, da anatomia e suas vicissitudes, aparece nesses discursos em aparente contradição com outra ideia, bastante corrente, de que a "natureza feminina" precisaria ser domada pela sociedade e pela educação para que as mulheres pudessem cumprir o destino ao qual estariam naturalmente designadas. A feminilidade aparece aqui como o conjunto de atributos próprios a todas as mulheres, em função das particularidades de seus corpos e de sua capacidade procriadora. (KEHL, 2008, p. 48)

Contudo, essas tentativas do machismo de imposição da maternidade para as mulheres foram afetadas com o processo de industrialização, no qual, as mulheres tiveram que ingressar no mercado de trabalho:

A transição de um modelo tradicional de maternidade (a mulher definida essencial e exclusivamente como mãe: proles numerosas) para um modelo moderno de maternidade (a mulher definida também como mãe, entre outras possibilidades: proles reduzidas e planejadas) deu-se com a consolidação da sociedade industrial. (SCAVONE, 2021, p. 49)

Esse acontecimento possibilitou que as mulheres ocupassem mais espaço social, porém ele também foi a causa do surgimento da “jornada dupla de trabalho”. A excessividade de trabalho doméstico e profissional obrigava a mulher a ter que escolher somente uma função, pois ter sucesso em ambas parecia impossível:

[...] as mulheres que atingiram os mais altos cargos (chefe, diretora em um ministério etc.) têm que "pagar", de certo modo, por este sucesso profissional com um menor "sucesso" na ordem doméstica (divórcio, casamento tardio, celibato, dificuldades ou fracassos com os filhos etc.) e na economia de bens simbólicos; ou, ao contrário, que o sucesso na empresa doméstica tem muitas vezes por contrapartida uma renúncia parcial ou total a maior sucesso profissional (através, sobretudo, da aceitação de "vantagens" que não são muito facilmente dadas às mulheres, a não ser quando as põem fora da corrida pelo poder: meio expediente ou "quatro quintos"). (BOURDIEU, 2012, p. 126)

O esgotamento de ter dois trabalhos contribuiu também para que as mulheres a repensarem sobre a maternidade:

Neste contexto, ser ou não ser mãe passou a ter uma dimensão reflexiva, a ser uma decisão racional, influenciada por fatores relacionados às condições subjetivas, econômicas e sociais das mulheres e, também, do casal. (SCAVONE, 2021, p. 50)

O ato de visualizar a maternidade não mais como uma obrigação, e sim como uma possibilidade foi reforçada com o avanço da contracepção, que permitiu que a mulher tivesse mais controle da fecundidade.

É indiscutível que todas essas conquistas deram força para o fortalecimento do movimento feminista. O feminismo possui um grande poder social atualmente, porém, é preciso que fique claro que o movimento não surgiu de modo rápido e forte. Primeiramente, ocorreram pequenas revoluções ou pequenas revoltas contra o sistema machista e suas decisões que tendem favorecer somente os homens. Apesar de serem atos isolados, eles serviram de base e inspiração para o início das lutas feministas pelo mundo.

No ano de 1791, temos um ato de busca pela igualdade dos direitos entre os gêneros. Esse ato, na verdade, foi uma declaração da autora Marie Gouze, conhecida por Olympe de Gouges, que teve a coragem de escrever a “Déclaration des droits de la femme et de la citoyenne” (traduzido para o português como: Declaração dos direitos da mulher e da cidadã). A declaração de Olympe foi uma resposta a “Declaração dos direitos do homem e do cidadão”, escrita por revolucionários franceses em 1789. A intenção de Gouges era conscientizar as mulheres de seus direitos que estavam sendo negados (GARCIA, 2011).

Outra importante figura para o movimento que está presente no livro de Garcia é a autora e filósofa, Mary Wollstonecraft, que no ano de 1792 publicou a obra “Reivindicação dos direitos da mulher”, documento considerado por muitos como fundador do feminismo. Nele, Wollstonecraft reivindica os direitos das mulheres, como independência econômica e participação política, além de liberdade e acesso à educação. A autora diz em um breve trecho:

É, então, um afeto por todo o gênero humano que faz minha pena escrever rapidamente para apoiar o que acredito ser a causa da virtude; e a mesma razão me leva a desejar de modo sincero ver a mulher em uma posição a partir da qual avance,

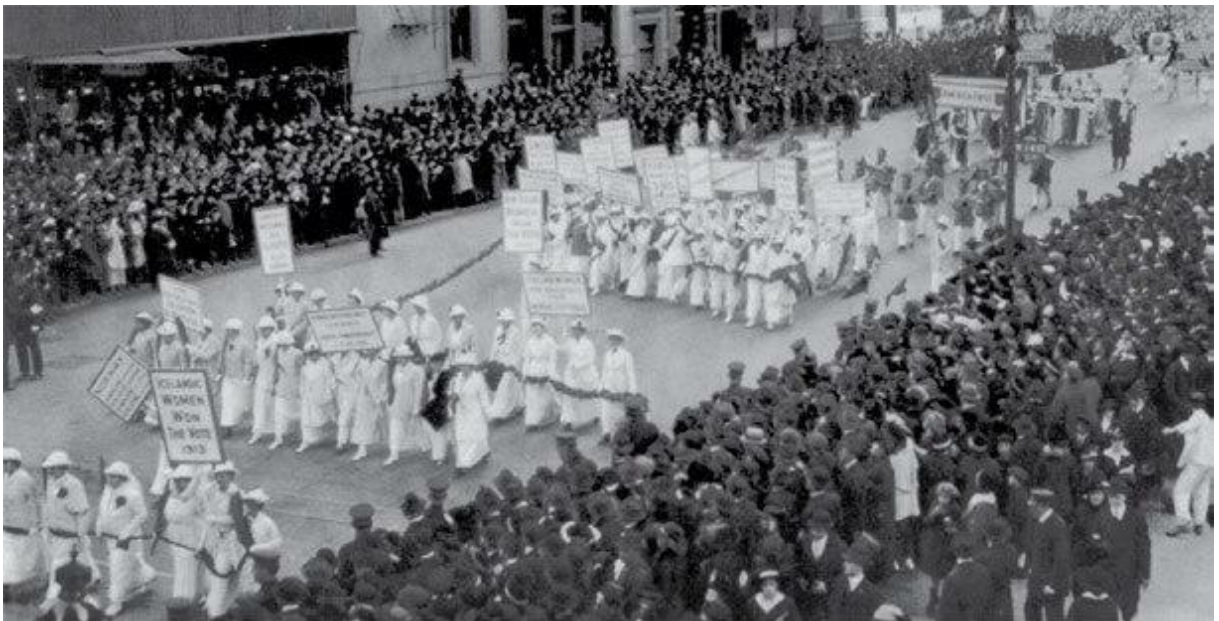
em vez de ser refreada, para o progresso desses gloriosos princípios que dão substância à moralidade. (WOLLSTONECRAFT, 2016, p. 19)

A autora através desse trecho já nos passa o seu desejo de que as mulheres fossem independentes para crescer e progredir, mas para isso o movimento feminista precisava continuar. Assim, no século XIX, inicia-se a segunda onda do movimento.

Neste período, de acordo com Garcia, o feminismo tornou-se um movimento de nível internacional, que além de lutar pelos seus objetivos específicos, também lutava por questões como: abolição da escravidão e pela paz. O envolvimento com outras lutas trouxe experiências para as feministas.

Apesar do feminismo ter enfrentado diversas dificuldades e por ter caminhado a passos lentos, através do Sufragismo, movimento que lutava pela inserção das mulheres na política e principalmente pelo direito ao voto, no ano de 1920, foi dado às mulheres estadunidenses o direito ao voto.

Manifestação pelo sufrágio feminino, Nova York, NY, 23/10/1915.



Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,ha-100-anos-mulheres-conquistavam-direito-ao-voto-nos-estados-unidos,70003402713,0.htm>, Acesso em 30 de setembro de 2021

A conquista pelo voto foi uma vitória indescritível para a luta feminista, porém não se deve esquecer que essa conquista também deveria ter sido das mulheres negras, que não tiveram a mesma sorte, pois elas não eram somente mulheres, eram também negras e a cor da pele ainda hoje é tratada com muito racismo. De acordo com o site da CNN Brasil⁸ o voto feminino negro só teve validade em 1964, ou seja, são 44 anos de espera pelos mesmos direitos dados as mulheres brancas.

É inegável que o feminismo é um movimento que transformou a história e o destino das mulheres, porém, diante da demora para a permissão de voto para as mulheres negras, deixou claro que dentro do próprio movimento era preciso haver a criação de algumas vertentes, uma delas foi a luta das mulheres negras. Isso foi necessário, pois as barreiras enfrentadas pelas mulheres brancas são diferentes das barreiras que cercam as mulheres negras. O feminismo negro, além de lutar contra o machismo, precisa lutar contra o racismo. É revoltante, mas a cor da pele é pior, nos olhares de muitos, do que o gênero.

Porém o movimento não se resume somente nessas duas vertentes. Atualmente, há várias outras. De acordo com o website⁹ “Azmina”, algumas delas são: o “Feminismo Liberal” que luta pela igualdade entre mulheres e homens e para “liberar as mulheres do lugar que ocupavam na vida privada, portanto, condição de liberdade e igualdade sociais.” (SCAVONE, 2001, p. 140)

E temos também o “Feminismo Radical” que é uma vertente que abole a divisão de gênero (feminino e masculino), incluindo os papéis sociais impostos a cada um. Essa corrente feminista, na década de 1970 “condicionava a libertação das mulheres à chegada dos bebês de proveta, supondo que, nesse momento, a maternidade não se passaria mais no corpo das mulheres.” (SCAVONE, 2001, p. 139)

Essas divisões dentro do movimento são importantes, mas, somente, se não prejudicar o fator principal do feminismo, que é unir todas as mulheres para a conquista de seus direitos.

⁸Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/ha-100-anos-sufragistas-americanas-conquistavam-direito-ao-voto-feminino/>. Acesso em 30 de setembro de 2021.

⁹Disponível em: <https://azmina.com.br/reportagens/radical-liberal-interseccional-conhec-as-principais-vertentes-do-feminismo/>. Acesso em 01 de outubro de 2021

É claro que a demanda de umas não é a mesma que a de outras, porém, podemos buscar isso juntas. Devemos lembrar que o machismo ainda é muito forte e está pronto para nos tirar todas as nossas conquistas e liberdade.

Ao voltar nosso olhar para o machismo, precisamos ter cuidado para que não haja julgamentos errôneos, pois nem todos os homens são machistas. Felizmente, há homens que estão do lado das mulheres contra o machismo e que lutaram e ainda lutam pela causa feminista. Um excelente exemplo é François Poullain de La Barre (1647-1725), autor da famosa frase do século XVII presente no livro “O segundo sexo”: “Tudo o que os homens escreveram sobre as mulheres deve ser suspeito, pois eles são, a um tempo, juiz e parte”. (BEAUVOIR, 1980, p. 7)

Barre foi um teólogo e autor de importantes obras, “Sobre a igualdade dos dois sexos (1673)”, “Sobre a educação das mulheres (1679)”, que contribuíram com a reflexão sobre a igualdade de gênero e sobre o preconceito sobre a condição da mulher.

O fato é que o movimento feminista também precisa da participação masculina para que o movimento seja cada vez mais forte. O desejo de exclusão dos homens na luta é compreensivo, mas, ao mesmo tempo, é prejudicial, até porque vivemos em sociedade, na qual eles também fazem parte. Além disso, para que ocorram transformações significativas socialmente é preciso a participação de todos os indivíduos. E acredito que esse é um ponto importante, porque é trazendo mais homens para o nosso lado que iremos desconstruir esses pensamentos ultrapassados e preconceituosos, e transformar a sociedade.

Além disso, o machismo afeta também aos homens, no sentido de refutar qualquer amostra de feminilidade do seu ser. Este trabalho de masculinização inicia-se na infância com os tipos de brinquedos, o corte do cabelo e “visa a virilizá-los, despojando-os de tudo aquilo que poderia neles restar de feminino”. (BOURDIEU, 2012, p. 37)

Retornando ao contexto histórico do feminismo, na terceira onda, marcada pelo fim da segunda guerra mundial, houve uma baixa no feminismo, muitas mulheres, após a conquista do voto, abandonaram a causa. Além disso, por causa da diminuição na taxa de natalidade, o movimento sofreu bastante pressão para finalizar-se. Contudo, foi nesse período que tivemos um levante no movimento feminista, a partir da obra “O Segundo Sexo” da filósofa, feminista

e autora francesa, Simone de Beauvoir. A famosa autora da frase emblemática pertencente ao segundo volume dessa obra: “Ninguém nasce mulher; torna-se mulher.”

A obra “O Segundo Sexo” tornou-se um livro representante do feminismo contemporâneo. Porém, Beauvoir, o escreve antes mesmo de se considerar feminista, sendo seu objetivo escrever sobre a condição feminina. Por isso, sua frase “Ninguém nasce mulher; tornar-se mulher”, retrata a condição da mulher que antes mesmo de nascer já será inserida em um sistema social que define sua vida, ou seja, ela terá que aprender os trabalhos domésticos, respeitar seu marido, ter filhos e cuidar da casa. Assim, a filósofa nos diz que ser mulher é, na verdade, poder decidir seu destino.

Em relação ao destino social e cultural que é imposto às mulheres, mencionado por Simone de Beauvoir, foi tema da obra da autora Betty Friedan. A ativista norte-americana retratou o incômodo que as mulheres sentiam diante da domesticidade obrigatória, ela o denominou de “O problema sem nome”. Após as primeiras manifestações feministas, que mostraram as mulheres que suas vidas não tinham que se resumir em casa, marido e filhos, despertou um sentimento de vazio, que, felizmente, não era preenchido pela vida doméstica:

O problema permaneceu mergulhado, intacto, durante vários anos, na mente da mulher americana. Era uma insatisfação, uma estranha agitação, um anseio de que ela começou a padecer em meados do século XX, nos Estados Unidos. Cada dona de casa lutava sozinha com ele, enquanto arrumava camas, fazia as compras, escolhia tecido para forrar o sofá, comia com os filhos sanduíches de creme de amendoim, levava os garotos para as reuniões de lobinhos e fadinhas e deitava-se ao lado do marido, à noite, temendo fazer a si mesma a silenciosa pergunta: é só isto? (FRIEDAN, 1963, p. 17)

E é exatamente essa pergunta “É só isto?” que todas nós mulheres devemos nos fazer. Para nunca mais sentir que temos que estar satisfeitas e agradecidas por um destino que não foi nossa escolha e se for, pelo menos que tenha sido escolhido sem pressão ou manipulação, isto é, por uma vontade própria e que a mulher se sinta feliz, realizada e completa com essa decisão. Porém, sem declará-la como única e imutável.

Betty Friedan tornou-se uma das grandes vozes da luta feminista, criando em 1966 a NOW (Organização Nacional para as Mulheres), além de fazer parte da fundação da pró-escolha (NARAL Pro-Choice America), que reivindica a lei do aborto.

No Brasil, assim como em outros países, o feminismo iniciou pela luta por direitos políticos. De acordo com Céli Regina Jardim Pinto (2003), no ano de 1910, início da luta, a professora Leolinda Daltro e a poetisa Gilka Machado, foram as principais fundadoras do Partido Republicano Feminino. O partido, segundo Pinto, não buscava somente o direito ao voto:

O estatuto do partido dá uma ideia muito clara do que pretendiam essas mulheres: não defendiam apenas o direito ao voto, mas falavam de emancipação e independência. Atribuíam à mulher qualidades para exercer a cidadania no mundo da política (o patriotismo) e no do trabalho. E, extrapolando a questão dos direitos, propugnavam o fim da exploração sexual, adiantando em mais de 50 anos a luta das feministas da segunda metade do século XX. (PINTO, 2003, p. 18)

Após os primeiros passos dados pelas fundadoras do Partido Republicano Feminino, tivemos a criação da Federação Brasileira para o Progresso Feminino, por Bertha Lutz, ativista brasileira, que estudou na Europa e teve contato com as sufragistas inglesas. A Federação era composta por mulheres das grandes elites da época, filhas de políticos, médicos e engenheiros, que faziam uso de suas influências para fazer pressão na República em busca da conquista do voto. O direito ao voto feminino brasileiro foi assegurado em 1932.

Outro acontecimento marcante no Brasil, descrito por Pinto em seu livro, foi o surgimento do primeiro jornal que tinha como causa principal as mulheres. Fundado em 1873 por Francisca Senhorinha Motta Diniz, o jornal denominado primeiramente por “O Sexo Feminino” e mais tarde por “15 de novembro do Sexo Feminino”, alertava as mulheres sobre as condições em que viviam e difundia os direitos femininos.

A criação de um jornal para tratar sobre assuntos que envolvem a luta feminista, é de extrema importância, visto que facilitava o acesso de informações sobre o movimento por diversas mulheres. Além disso, por ser dirigido por uma mulher, as chances de haver manipulação masculina eram pequenas.

Porém, havia um problema que precisava de atenção, que era a condição exploratória vivenciada por mulheres operárias em seus trabalhos. Diante disso, houve a criação do movimento anarquista no Brasil nas primeiras décadas do século XX. Esse movimento buscava, de acordo com Pinto, o reconhecimento do poder de dominação e exploração dos homens sobre

as mulheres e a centralização da questão do trabalho na vida dessas operárias, que era dificultado por seus patrões, por causa do gênero. Essas mulheres não conheciam outra vida, além do trabalho. Não tinham tempo para ler ou se informar sobre questões que as envolviam. Além, é claro, de ainda terem que lidar com a estupidez masculina.

É válido fazer um adendo sobre essa questão das operárias e relembrar o crime que ocorreu em Nova York, em 1857, no qual, 129 operárias foram trancadas em uma fábrica em chamas, sendo deixadas para morrer. Todas elas lutavam por melhorias trabalhistas, por igualdade salarial, redução na carga horária, ou seja, estavam apenas pedindo seus direitos. A morte de cada uma nos mostra que a voz da mulher incomoda, mas incomoda por estar certa, por dizer a verdade.

Os crimes revoltantes, como esse que ocorreu em 1857, também ocorreram no Brasil, no período da ditadura militar (1964). A ditadura foi um período que mexeu bastante com o movimento, por ser marcado pela violência, repressão, silenciamento, opressão, que resultou na prisão, repressão e morte de algumas ativistas. Muitas mulheres que lutaram contra a ditadura e sobreviveram, contam o quanto um homem, tendo o mínimo de liberdade, é capaz de atos impensáveis e extremamente cruéis. A obra “Luta, um substantivo feminino: mulheres torturadas, desaparecidas e mortas na resistência à ditadura”, organizada por Tatiana Merlino, traz o depoimento da sobrevivente e ex-militante, Dulce Maia:

Texto: Depoimento de Dulce Maia ex militante da VPR

Muitos deles vinham assistir para aprender a torturar. E lá estava eu, uma mulher franzina no meio daqueles homens alucinados, que quase babavam. Hoje, eu ainda vejo a cara dessas pessoas, são lembranças muito fortes. Eu vejo a cara do estuprador. Era uma cara redonda. Era um homem gordo, que me dava choques na vagina e dizia: 'Você vai parir eelectricidade'. Depois disso, me estupro ali mesmo. Levei muitos murros, pontapés, passei por um corredor polonês. Fiquei um tempão amarrada num banco, com a cabeça solta e levando choques nos dedos dos pés e das mãos. Para aumentar a carga dos choques, eles usavam uma televisão, mudando de canal, 'telefone', velas acesas, agulhas e pingos de água no nariz, que é o único trauma que permaneceu até hoje. Em todas as vezes em que eu era pendurada, eu ficava nua, amarrada pelos pés, de cabeça para baixo, enquanto davam choques na minha vagina, boca, língua, olhos, narinas. Tinha um bastão com dois pontinhos que eles punham muito nos seios. E jogavam água para o choque ficar mais forte, além de muita porrada. O estupro foi nos primeiros dias, o que foi terrível para mim. Eu tinha de lutar muito para continuar resistindo. Felizmente, eu consegui. Só que eu não perco a imagem do homem. É uma cena ainda muito presente. Depois do estupro, houve uma pequena trégua, porque eu estava desfaecida. Eles tinham aplicado uma injeção de pentotal, que chamavam de 'soro da verdade', e eu estava muito zonza. Eles tiveram muito ódio de mim porque diziam que eu era macho de aguentar. Perguntavam quem era meu professor deoga,, porque, como eu estava aguentando muito a tortura, na cabeça deles eu devia fazer ioga. Me tratavam de 'puta', 'ordinária.'. Me tratavam como uma pessoa completamente desumana. Eu também os enfrentei muito. Com certa tranquilidade, eu dizia que eles eram seres anormais, que faziam parte de uma engrenagem podre. Eu me sentia fortalecida com isso, me achava com a moral mais alta. J J

DULCE MAIA, ex-militante da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), era produtora cultural quando foi presa na madrugada de 26 de janeiro de 1969, em São Paulo (SP). Hoje, vive em Cunha (SP), é ambientalista, dirige a ONG Ecosenso e é cogestora do Parque Nacional da Serra da Bocaina.

Fonte: MERLINO (2010, p. 70)

Nesse depoimento é possível observar dois pontos: o primeiro é a crueldade de um homem que usou Dulce para realizar os seus mais pobres desejos, principalmente, o de poder, pois ela estava presa, logo, não poderia se defender. E a segunda é a força que ela encontrou, mesmo após ter sofrido uma das piores violências humanas, o estupro.

Infelizmente, ainda há muitos homens que veem as mulheres como o sexo frágil, mas não imaginam a força que temos dentro de nós. Não temos medo de lutar. Apesar de Dulce

Maia não ter sido presa, especificamente, por causa do feminismo, acredito que seja necessário que tenhamos noção do que as mulheres passaram nesse período.

No período ditatorial muitas mulheres, fugindo da repressão, se refugiaram em outros países, principalmente, os europeus. Em 1972, algumas mulheres exiladas participaram do Grupo Latino-Americano de Mulheres, fundado por Danda Prado, que tinha o objetivo de discutir a situação da mulher. De acordo com Pinto (2003), o grupo teve muita rejeição por parte dos exilados homens:

A relação do grupo com os exilados brasileiros do sexo masculino foi muito tensa, chegando ao extremo de a Frente de Brasileiros no Exílio ameaçar retirar o apoio financeiro às famílias cujas mulheres frequentassem essas reuniões. Houve pressão por parte dos homens para que as mulheres abandonassem o grupo, o que, segundo o relato da própria Danda Prado, realmente veio a ocorrer. A grande acusação ao grupo era de ser apolítico e de em nada ajudar na luta contra a ditadura no Brasil. (PINTO, 2003, p. 53)

Será mesmo que não ajudava? A ditadura prendeu e matou muitas pessoas e muitas mulheres, como Dulce Maia. O grupo funcionava como um refúgio, um momento, diante de tanto medo e mortes, que as mulheres tinham para desabafar e terem consciência das opressões que também sofriam durante esse período. E esse simples ato contribuía para deixá-las mais fortes, fortes para suportar e continuar lutando. E tanto admira, homens que lutavam contra a repressão, terem tempo para reprimir mulheres, para silenciá-las.

O ano de 1975, foi marcante para o feminismo brasileiro, pois foi o ano em que a ONU (Organização das Nações Unidas) o instituiu como o Ano Internacional da Mulher. Isso resultou em um novo status para a questão da mulher, abrindo mais visibilidade. No Brasil, nesse mesmo ano, foi criado o Centro de Desenvolvimento da Mulher Brasileira. Esse centro teve um papel muito importante, pois tratava de assuntos/ problemas que cercavam as mulheres. Era um espaço para reflexão e estudo, para fazer, realmente, as mulheres refletirem sobre sua condição social e terem total noção da desigualdade e preconceito que sofrem.

Entretanto, por outro lado, ele sofreu uma certa pressão das feministas radicais, que acreditavam que o feminismo deveria centrar em questões consideradas tabus, até os dias atuais, como o aborto. Apesar das diferenças de opiniões e de discursos dentro do movimento e das

barreiras enfrentadas durante esse período, uma coisa era certa, havia um movimento feminista no Brasil.

Na década de 1980 foram colocados em pauta e discutidos temas que eram vistos como tabus. O primeiro é a violência contra a mulher, que é um problema sério que afeta mulheres de diferentes classes sociais. Muitos homens, com seu poder e sentimento de superioridade, via a mulher como um simples boneco para ele descontar todo tipo de estresse, tristeza, frustração ou apenas para se sentir mais poderoso. E o problema se encontra no fato de essas mulheres não poderem contar com alguma lei para defendê-las. Então em 1985 tivemos a criação da primeira delegacia especializada na violência contra a mulher. Apesar de essas delegacias não resolverem 100% a questão da violência, elas foram um começo.

Outra vitória para as mulheres brasileiras foi através da Constituição de 1988, a qual determinou que as mulheres e os homens têm os mesmos direitos e obrigações. Essa vitória tem um passado de muita luta, mas, ao mesmo tempo, é muito gratificante, pois foi uma grande conquista para nós mulheres. E isso foi só mais um começo para estimular ainda mais nossa luta, porque ainda existem muitas barreiras na sociedade. Ainda é preciso ocupar níveis mais altos, como em cargos políticos, econômicos e sociais. E o mais importante, trazer mais mulheres para o movimento, pois, infelizmente, existem mulheres que não confiam no feminismo ou, pior, que são extremamente machistas.

Diante da história do feminismo, o *Slam* possui uma importância significativa para a manutenção e fortalecimento da luta feminista. Pois, nós, mulheres, acumulamos durante séculos, silenciamento e submissão, sendo consideradas sombras de homens que falam e determinam, até hoje, nosso modo de vida. Sendo controladas como meras marionetes, nos é retirado em diversos momentos o direito de optar, mesmo que tenhamos por lei os mesmos direitos, oportunidades e liberdade que os homens. A lei brasileira determina que “Homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição.”; de acordo com o Art. 5º, inciso I, da Constituição Federal. (BRASIL, 1988)

Entretanto, somente essa lei na Constituição Federal não foi o suficiente para acabar com toda violência e abuso sofrido por nós mulheres. Assim, no ano de 2006 foi sancionada a

Lei Nº 11.340 de 7 de agosto de 2006 (Lei Maria da Penha)¹⁰, a maior conquista jurídica das mulheres, que leva esse nome em homenagem a Maria da Penha Maia Fernandes, que sofreu duas tentativas de assassinato de seu marido. Essa lei determina mecanismos que possam proibir e prevenir a violência contra a mulher, podendo, a mesma, denunciar violência psicológica, sexual, moral, física e patrimonial que venha a sofrer, independente do ator do crime.

Aparentemente, apesar de ter contribuído e muito com a defesa da mulher, a Lei Maria da Penha também já não está mais sendo suficiente para diminuir os casos de violência. Muitos homens não veem mais essa lei como uma barreira para parar suas práticas covardes, pelo contrário, ao serem denunciados sua fúria aumenta, levando-os a praticarem atos mais graves e até um crime fatal. Desse modo, muitas mulheres se veem coagidas a denunciar. Por isso, o assunto precisa ser discutido em público, para que novas medidas protetivas e mais severas sejam tomadas. Acredito que tudo deveria partir da educação, não desmerecendo a Lei, pelo contrário, devemos agradecê-la por ter salvado muitas mulheres, porém, ainda assim, a sociedade precisa ser reeducada para aprender que a mulher não é inferior ao homem e, assim, ela deve ser respeitada.

Assim, o *Slam* é um ótimo exemplo de espaço para aprendizado, porque é um lugar para que poetisas mulheres possam denunciar, através da sua poesia, e serem ouvidas, sem interrupções, sobre toda essa violência e preconceito vivenciados. Além disso, é preciso lembrar que a poesia, ou melhor, a literatura do nosso país é enriquecida pelo talento e textos dessas *slammers*. Talvez, sem essas apresentações, perderíamos a oportunidade de ouvir e aprender com tanta poesia inspiradora e educativa. E é disso que nós mulheres, que estamos na luta por direitos e espaço social, precisamos. Ouvir de outras mulheres que o movimento feminista é fundamental, pois ainda há muitos desafios.

¹⁰ http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm. Acesso 02 de Julho de 2022

Em uma entrevista dada para o site “Brasil de fato: uma visão popular do Brasil e do mundo”¹¹ no ano de 2019, a campeã do *Slam* do 13 e do *Slam* da Guilhermina, Luiza Romão, ao ser questionada sobre o protagonismo das mulheres na literatura hoje, responde:

Foi uma revolução que aconteceu nos últimos quatro anos, de 2014 para cá. Acho que tem muito a ver também com o movimento feminista na sociedade. É difícil a gente falar de uma representatividade, uma produção feminina e feminista na literatura desvinculado do que foram os movimentos de 2013 e em seguida as manifestações todas contra o então presidente da Câmara, Eduardo Cunha. Acho que de fato tem um marco no Brasil nos últimos tempos de colocar as questões de gênero, contra a violência sexual e doméstica, e isso se reflete na literatura.

Quando eu comecei a participar, lembro que era eu e 20 caras batalhando sempre. Tinha eu, a Luz Ribeiro, a Mariana Feliz e a Mel Duarte e só caras. Era muito solitário, um ambiente às vezes hostil, apesar de eu sempre me sentir muito bem. Havia essa questão de gênero muito forte.

Depois de 2014, você tem o Slam das Minas, um movimento muito forte que tem em vários lugares no Brasil e são batalhas só com mulheres, e várias mulheres produzindo literatura independente, cordel. A voz feminina hoje está pautando muito as produções no campo da poesia. (ROMÃO, 2019)

Diante do depoimento da poeta, pode-se notar a evolução da presença de vozes femininas em diversos locais e movimentos sociais, por exemplo, no evento do *Slam*, declamando com toda força e coragem suas poesias feministas e empoderadas. E isso tudo graças a nossas antepassadas, que abriram esse espaço. No trecho a seguir retirado da poesia “Receba a delicadeza” da *slammer*, Tawane Theodoro, pode-se notar essa força presente em cada palavra e a luta por respeito:

[...]	Você não tem sempre razão.
Então entenda:	Não me amola.
Não encosta;	Não, não vou te dar bola.
Não toca;	Não quero você, nem sua opinião.
Não rela;	Não se escora.
Não abraça sem permissão.	Não vem com essa história de: "Nem todo homem",
Não te dei bola.	se você não sabe ouvir não. (THEODORO, 2018)
Não, não vem procurar brecha.	

¹¹Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/01/11/dez-anos-de-slam-no-brasil-uma-conversa-com-luiza-romao-sobre-literatura-e-feminismo/>. Último acesso: 14/19/2021 às 22:10

Um local de protesto em formato de poesia, é assim que vejo o evento do *Slam*. Cada palavra utilizada pela *slammer*, Tawane Theodoro, é um grito de milhares de mulheres. Quem diria que uma mulher poderia, em plena praça pública, de frente para homens e mulheres, apresentar sua arte, sua luta. Será que aquelas feministas dos anos 70 e 80, imaginavam que chegariam até aqui? O *Slam Poetry*, juntamente com as *slammers*, contribuem para que o feminismo continue vivo e ativo. Para que as condições sociais vivenciadas pelas mulheres sejam expostas e passem a ser objeto de reflexão. Até porque, esse é o papel do *Slam* fazer seus ouvintes refletirem.

4. GÊNERO E VIOLÊNCIA MASCULINA

Antes de iniciarmos nossa análise crítica do discurso, é necessário discorrermos sobre o poder de dominação e superioridade atribuídos e incorporados pelo homem, para que, no momento da análise das poesias, possamos ter uma visão mais aprofundada da luta feminista, pois, para conseguirmos entender as reivindicações, é preciso entender, primeiramente, a raiz do problema.

Um problema que não afeta somente as mulheres como os homens também, principalmente em relação a sua virilidade, que jamais deve ser afetada pela feminilidade, desse modo, “a pior humilhação, para um homem, consiste em ser transformado em mulher”. (BOURDIEU, 2012).

Se pensarmos em relação ao sexo biológico, sem entrarmos em questão de identidade de gênero, o que difere, cientificamente, os homens das mulheres são os cromossomos XY (masculino) e XX (feminino), além dos órgãos sexuais e os hormônios. Ou seja, não há provas biológicas que afirmem que a mulher é inferior ao homem, o que há são regras culturais e sociais que impõem essa diferença. Ou seja, essa categorização ainda é usada como justificativa para a superioridade masculina, principalmente, no ambiente trabalhista. Como afirma Pierre Bourdieu em seu livro “A dominação masculina”:

A diferença biológica entre os sexos, isto é, entre o corpo masculino e o corpo feminino, e, especificamente, a diferença anatômica entre os órgãos sexuais, pode assim ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os gêneros e, principalmente, da divisão social do trabalho. (BOURDIEU, 2012, p.20)

Diante disso, é preciso ressaltar que há a Lei nº 5.452 de 01 de maio de 1943, art. 373A, presente na CLT (Consolidação das leis do trabalho), que veta os contratantes de fazer uso de tratamentos diferenciados para homens e mulheres, por exemplo na questão salarial, como podemos ler abaixo:

II - Recusar emprego, promoção ou motivar a dispensa do trabalho em razão de sexo, idade, cor, situação familiar ou estado de gravidez, salvo quando a natureza da atividade seja notória e publicamente incompatível; (Incluído pela Lei nº 9.799, de 26.5.1999)

Contudo, ainda há mulheres no Brasil que recebem menos que os homens, mesmo estando no mesmo cargo. No dia 04 de março de 2021, o site de notícias CNN Brasil¹² divulgou dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) que mostraram que as mulheres receberam, no ano de 2019, 77% dos salários dos homens. O resultado dessa pesquisa nos mostra que o poder do machismo é tanto que mesmo fazendo o mesmo trabalho que um homem ou até melhor, ainda sim, a mulher receberá menos.

Outro ponto interessante que podemos discutir é a predominância social do androcentrismo, ou seja, é o termo que possui forte ligação com o patriarcado e é utilizado para o fato da sociedade em suas várias esferas se definir a partir do masculino. Ou seja, ao homem é dado o poder de centro da humanidade. Dele partem decisões e políticas que governam ambos os gêneros.

Isso não é tão difícil de ser notado, por exemplo, em frases como “a evolução do homem” e “a conquista do homem no espaço”, aparentemente não há nada errado. Contudo, a palavra “homem” está substituindo a palavra “humanidade”, que em ambos os casos deveria ser utilizada, pois ela não favorece um gênero específico. E são exatamente esses tipos de mudanças que precisam ser iniciadas, porque, mesmo aparentando insignificância no olhar de

¹² Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/business/mulheres-ganham-77-7-dos-salarios-dos-homens-nobrasildizibge/#:~:text=IBGE%20%7C%20CNN%20Brasil,Mulheres%20ganham%2077%2C7%25%20do%20sal%C3%A1rio%20dos,homens%20no%20Brasil%2C%20diz%20IBGE&text=As%20mulheres%20receberam%2077%2C7,9%25%20do%20rendimento%20dos%20homens>. Acesso em 19 de outubro de 2021

muitos indivíduos, são importantes avanços que podem mudar a visão, por exemplo, das crianças e adolescentes que já não irão relacionar tudo ao homem, como se ele fosse o centro da sociedade, do mundo.

Diante do que foi dito e do fato de não haver prova científica que afirme que os homens são mais capazes do que as mulheres, e mesmo que houvesse, não justifica o tratamento social que nós mulheres recebemos. Além disso, o fator científico não é o fator que define a ordem social, portanto, ele não seria um impedimento para que nós mulheres possamos alcançar e conquistar importantes postos sociais ou de sermos respeitadas. Contudo, sabemos que o preconceito e a inferiorização da mulher reinam e a partir disso surge o questionamento de como e em qual época iniciou essa “lei” de superioridade masculina.

Não há registros de um determinado período que corresponde ao início dessa construção social. Contudo, se observarmos, por exemplo, os registros de passagens bíblicas, como os capítulos 1 e 2, conseqüentemente, do Gênesis, Velho Testamento, a criação do homem e da mulher por Deus, encontram-se nas seguintes passagens:

²⁶ disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; e domine sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre todo o réptil que se move sobre a terra. (GÊNESIS, 1:26)

¹⁸ E disse o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma ajudadora idônea para ele. (GÊNESIS 2:18)

²² E da costela que o Senhor Deus tomou do homem, formou uma mulher, e trouxe-na a Adão. (GÊNESIS 2:22)

Esses trechos retirados de um livro tão antigo quanto a Bíblia Sagrada, são utilizados há séculos para justificar e manter a superioridade masculina, principalmente em determinados espaços religiosos, com a justificativa de que o homem foi criado a partir da imagem de Deus, já a mulher foi criada da costela desse homem para auxiliá-lo, por isso sua inferioridade.

É claro que a Bíblia tem várias interpretações, porém o nosso objetivo neste texto não é determinar qual é a verdadeira ou a correta. A intenção é, unicamente, apresentar uma das interpretações, de teor bastante machista, que é utilizada como justificativa para colocar a mulher em posição de submissão. Se observamos algumas igrejas, é descarado o modo submisso que as mulheres ficam diante do celebrador ou de qualquer outro homem. Sendo proibidas de fazer qualquer reclamação ou de, apenas, se pronunciar.

Por outro lado, o fato de os homens visualizarem as mulheres como submissas faz aflorar neles o sentimento de poder e, conseqüentemente, facilitar situações de violência. Esse tipo de poder exalta nos homens a visão de que eles são donos das mulheres, resultando na absoluta dominação masculina.

A dominação masculina encontra um de seus melhores suportes no desconhecimento, que favorece a aplicação, ao dominante, de categorias de pensamento engendradas na própria relação de dominação e que pode conduzir a esta forma limite do amorfati, que é o amor do dominante e de sua dominação, libido dominantis (desejo do dominante) que implica renúncia a exercer em primeira pessoa a libido dominandi (o desejo de dominar). (BOURDIEU, 2012, p.98)

Diante disso, é fácil afirmar que dentro de uma sociedade, na qual o homem está sempre no topo e cercado de todo poder, a luta das mulheres se torna cada vez mais difícil. Contudo, antes de continuarmos a discussão, é preciso abrir um parêntese, pois nem todos os homens concordam com esse tipo de dominação e muitos lutam ao lado das mulheres, em busca dos direitos das mesmas. Essa foi e continua sendo uma conquista para luta feminista bastante significativa. Sendo poucos ou não, a cada homem que tem a sua mentalidade desconstruída e

que começa a ter uma visão mais crítica da situação social que nós mulheres vivemos aumenta a esperança de que estamos caminhando para uma mudança social.

A partir da fala do sociólogo Bourdieu, pode-se notar o quanto esse tipo de dominação afeta as mulheres. Porque elas não são consideradas, em muitos casos, ao menos seres humanos. Além disso, esse fato impulsiona um fator muito mais preocupante, a violência, sendo ela mental ou física.

O Atlas da Violência¹³ do ano de 2021 trouxe dados do ano de 2019 que são preocupantes, pois apesar de ter ocorrido uma redução na porcentagem de homicídios femininos, cerca de 17,3%, comparando as mortes do ano de 2018 para o ano de 2019, ainda assim, houve um aumento de 35,2% comparando ambos os anos, em mortes violentas por causas indeterminadas (homicídios, suicídios, acidente). Além disso, o relatório ainda traz dados mais preocupantes para as mulheres negras brasileiras, pois no ano de 2019 66% das mulheres assassinadas no nosso país eram negras.

Esses dados precisam de uma maior atenção, porque mesmo com a diminuição de mortes no ano de 2019 ainda há muitas mulheres que estão sendo assassinadas ou perto disso, principalmente as mulheres negras que não sofrem só por serem mulheres, mas também pela cor da pele, condição social e econômica, entre outros fatores. Por isso, a obrigação de um olhar mais preocupante para essa pesquisa, para que ações mais efetivas sejam tomadas. E não somente preencher um boletim, manter o indivíduo preso por alguns dias e soltá-lo, até porque pelos noticiários podemos ter a certeza que isso já não é o bastante, pois a primeira atitude de muitos é ir atrás da vítima e ser mais agressivo ou até matá-la. Portanto, é preciso ter mais seriedade com esse problema, porque são vidas que estão sendo tiradas e muitas vezes por motivos frívolos.

Diante desse tipo de caso, o site Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios publicou o depoimento de Maria Francisca, dito no evento “Semana pela Paz em Casa”

¹³ <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/publicacoes>. Acesso: 02 de Maio de 2022.

(2019)¹⁴, sobre a violência praticada pelo seu antigo parceiro, por 5 anos, que, felizmente, não houve óbito, mas terminou com um corpo 40% queimado, além da precisão de acompanhamento psicológico:

Do nada, ele começou a me xingar e, de repente, ele disse que iria tacar fogo em tudo. Eu pensei que era na casa, nas coisas, e pedi que não fizesse isso. Enquanto eu estava no tanque de lavar roupas, ele despejou álcool nas minhas costas e acendeu a chama do fogão. (Maria Francisca, 2019, TJDFT)

Além do feminicídio, outro caso de violência bastante decorrente socialmente são os casos de estupro. Esse tipo de caso escancara ainda mais o modo doentio de ação por parte de alguns homens, que atribuem o papel de objeto sexual para as mulheres, enquanto eles se autointitulam dominadores sexuais e donos do corpo feminino, pois seu órgão sexual o possibilita essa “honra”. Como afirma Lia Zanotta Machado (2001):

O ato de estupro realiza superlativamente a ruptura entre sujeito e objeto da sexualidade. O interdito do corpo feminino em nome de uma relação social, é suprimido face à afirmação unívoca do feminino como puro objeto. Torna hiper real a divisão entre “ter” ou “não ter” o “órgão erétil” que se apodera sexualmente do outro, e “ser sujeito social e sujeito da ação sexual” ou “não ser sujeito social e sujeito da ação social”. O estupro é a realização da performance da anulação da vontade do outro feminino. (MACHADO, 2001, p. 6)

Portanto, torna-se clara a necessidade de lutar contra o poder do machismo, para que casos assim não se repitam, para que nós, mulheres, possamos lutar por igualdade e por direitos. Direito de ser dona do seu próprio ser e de realizar suas conquistas. O domínio dos homens sobre as mulheres precisa ser encerrado. Nós não somos menos capazes ou frágeis. Nós somos seres humanos capazes de conquistar e contribuir ativamente na sociedade.

5. ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO

Para a realização deste estudo, teremos como base teórica a análise crítica do discurso (ACD). Esse método linguístico proposto pelo linguista britânico, Norman Fairclough, visa fazer uma ligação entre a linguagem e as ciências sociais, considerando o discurso como prática

¹⁴ Disponível em: <https://www.tjdft.jus.br/institucional/imprensa/noticias/2019/marco/vitima-de-tentativa-de-femicidio-conta-sua-historia-em-evento-da-semana-do-paz-em-casa>. Acesso em 19 de outubro de 2021

social. Como afirma Fairclough (2001, p. 91): “(...) implica ser o discurso um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também um modo de representação”.

Isso se torna importante, pois a ação que o discurso causa no âmbito social pode gerar mudanças positivas, mas também negativas que marcam a história da humanidade e moldam seu futuro. O machismo, por exemplo, juntamente com seu discurso, que permeia nossa sociedade, não foi algo que surgiu de repente, muito pelo contrário, o poder que ele e o seu discurso possuem atualmente foram sendo moldados e naturalizados por séculos, causando mudanças que resultaram na progressiva desvalorização da mulher e na manipulação efetiva de diversos indivíduos.

A temporalidade é um fator essencial para reforçar o poder do discurso machista, pois permite que ele crie raízes sociais difíceis de serem arrancadas. O poder é um elemento perigoso quando utilizado para controlar e dominar classes e grupos sociais. Como afirma Teun A. Van Dijk:

O controle se aplica não só ao discurso como prática social, mas também às mentes daqueles que estão sendo controlados, isto é, seus conhecimentos, opiniões, atitudes, ideologias, como também às outras representações pessoais ou sociais. (VAN DIJK, 2008, p. 18)

A partir do que foi dito, é compreensível a dificuldade enfrentada pelo movimento feminista em desconstruir tantos pensamentos, atos e discursos que oprimem e subjagam as mulheres. A autora francesa, Simone de Beauvoir, afirma o preconceito vivido pela mulher, dentro de uma sociedade claramente sexista:

Uma mulher que solicita por demais abertamente o desejo do macho é mal vista; mas a que parece repudiá-lo não é muito mais recomendável: pensam que ela quer masculinizar-se, que é uma lésbica; ou singularizar-se: é uma excêntrica; recusando seu papel de objeto, desafia a sociedade: é uma anarquista. (BEAUVOIR, 1967, p. 298)

Diante do que foi dito sobre o feminismo e o machismo e os seus determinados discursos, é preciso identificar e analisar criticamente as questões de dominação, poder e ação do discurso defendido pelos movimentos sociais. Assim, o modelo tridimensional proposto por

Norman Fairclough, no ano de 1989 e aprimorado em 1992 (FIGURA 1), servirá como guia para a análise crítica.

O modelo aborda três dimensões: o texto, a prática discursiva e a prática social.

FIGURA 1 - Concepção tridimensional do discurso



Fonte: Fairclough (2001, p. 101).

Pode-se notar pela imagem do modelo que apesar de os três tópicos tridimensionais possuírem suas próprias particularidades, eles são interligados uns nos outros, isto é, ao realizar uma análise crítica do discurso, é necessário perpassar pelo texto, pela prática discursiva e pela prática social para realizar uma análise completa.

No caso das poesias do Slam da Guilhermina, que serão objeto de análise deste trabalho, partiremos de uma ACD que relacionará a linguística e a estrutura social, ou seja, é preciso analisar os elementos linguísticos utilizados, a gramática, vocabulário, a produção, distribuição e o consumo e também a hegemonia e a ideologia presentes. Tudo isso é necessário para entendermos o poder que o discurso dessas poesias carrega, juntamente com seu efeito e a possível influência social que causará nos receptores.

Porém, antes de iniciar a análise, precisamos entender um pouco da ACD. A análise crítica do discurso tem como base a Linguística Sistêmico-Funcional que foi desenvolvida pelo linguista Michael Alexander Kirkwood Halliday (1925-2018) e que defende a conexão entre a

língua e o seu contexto de uso. Até porque a língua é viva e, assim, faz toda diferença estudá-la e também a linguagem diante da estrutura social.

Outro ponto essencial a ser discutido é a criticidade presente nessa teoria, que tem o objetivo de ir além, buscar aquilo que o discurso, muitas vezes, deseja manter oculto, revelando a ideologia e dominação que se encontram implícitos. E é o que está oculto que faz toda diferença, principalmente no ato da manipulação, interligado ao desejo de poder, ou seja, manter longe da visão e, principalmente, do entendimento crítico de seus dominados.

Deste modo, a análise crítica do discurso auxilia o linguista a conseguir entender as entrelinhas do discurso e sua consequência no âmbito social. Segundo Melo, a ACD configura-se como uma abordagem teórico-metodológica que objetiva investigar a maneira como as formas linguísticas funcionam na reprodução, manutenção e transformação social. (MELO, 2009, p. 1338).

É essa particularidade da ACD que a torna tão essencial para a ciência linguística e para a sociedade. Pois, ela traz para a análise o contexto, a produção, o uso, a propagação do discurso, a historicidade, entre outros elementos. Além, é claro, de buscar os efeitos de determinados discursos dentro do meio social. Como afirma Melo (2009):

Interessa a essa linguística descrever ou mapear a manifestação da linguagem em termos de compreensão das estruturas que os textos possuem. Por exemplo, caso seus estudiosos pretendam analisar um artigo de opinião, levarão em conta apenas a composição morfossintática do texto, ou, no máximo, questões relativas ao sentido gerado na imanência de uma proposição a partir do efeito do uso da pontuação e da ambiguidade lexical. Essa análise não consideraria o suporte onde a notícia é veiculada (tv, rádio, jornal) e, conseqüentemente, a modalidade em que é produzida (oral ou escrita); a identidade do autor (crítico de arte, professor acadêmico, literato); ou o motivo da produção textual (se responde, complementa ou reforça um outro artigo). Isto é, não faz parte dos objetivos de um estudo formalista entender as condições de realização do texto, mas apenas a sua estrutura interna (a forma), isso justifica o seu nome. (MELO, 2009, p. 1336)

Todos esses elementos contribuem para que através da ACD consigamos entender o poder que discursos dominantes possuem socialmente e seu modo de reprodução. Entender, por exemplo, como o discurso machista consegue manipular também as mulheres. Além disso, a partir desses estudos é possível proporcionar ao feminismo recursos para suas lutas.

O discurso feminista vem ao logo dos anos, como já foi mencionado no tópico sobre feminismo, transformando a vida de muitas mulheres, que já conseguem lutar por seus direitos. A transformação causada por este discurso é um exemplo de como o poder de um discurso pode, também, melhorar e evoluir uma sociedade. Podemos compreender isso melhor a partir da ACD.

O tipo de análise crítica proposta por Fairclough será melhor visualizada e entendida a partir da análise crítica do discurso que iremos iniciar a partir da transcrição das poesias das autoras: Monique Martins “Feminismo e Cu”, Tawane Theodoro “Receba a delicadeza” e Mariana Felix “Abusivo”, apresentadas no canal do *Youtube* “Slam da Guilhermina”. Nessa análise, terá como base o modelo tridimensional.

5.1 METODOLOGIA

O linguista Norman Fairclough escreveu trabalhos muito importantes socialmente e linguisticamente, como “*Media Discourse*” (1995) e “*Language and globalization*” (2006). Contudo, busco apoiar minha pesquisa na abordagem teórico-metodológica da tradução de 2001 – Discurso e Mudança Social. Assim, a análise crítica do discurso das poesias contemplará a prática textual, ou seja, questões linguísticas, o vocabulário, a gramática e a estrutura textual que contribuirão com as denúncias feitas pelas poesias.

A prática discursiva que também será contemplada irá centralizar em elementos discursivos, como a força dos enunciados, o modo como as exposições do machismo foram feitas, distribuição e o consumo das poesias.

Por fim, temos a prática social, que está ligada às práticas anteriores e que irá analisar aspectos como o poder, ideologia e a hegemonia presentes nas poesias, no momento em que as *slammers* expõem o machismo.

As poesias, nas quais, iremos fazer uso dessas práticas são originalmente discursos falados. Contudo, para facilitar as análises elas foram transcritas.

5.2 ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO DAS POESIAS

5.2.2 Análise com base na prática textual

Para iniciar nossa análise é preciso destacar o uso da linguagem informal, carregada de gírias, como: “um pá de fita”, “cês tá me tirando”, “fazendo a Kátia” e “pouco se lixando”. A escolha por este tipo de linguagem justifica-se pelo público, o estilo e o local da apresentação.

Para realizar a análise textual focaremos nos aspectos linguísticos separados em categorias que guiam a análise: a gramática, o vocabulário, coesão e a estrutura textual.

Ao iniciar o poema com a frase “Disseram que eu sou feminista e eu falava de cu. Aí eu decidi fazer um poema **lí-ri-co** e bem **didáticozinho**”, a poeta Monique utiliza dois termos interessantes, o primeiro “lí-ri-co” que está separado por sílaba respeitando o modo como ele é falado, está sendo usado em contraposição ao que dizem sobre o que ela sabe falar, no caso de “cu”, ou seja, ligando a sua função no corpo, é o mesmo que dizer que ela só fala de futilidades. Desse modo, o uso do termo “lírico”, neste caso, informa que a poeta irá expressar seus sentimentos e emoções, em formato poético clássico, para que talvez seja visto com maior seriedade. E além disso, ele também será “didáticozinho”, isto é, ele será de fácil entendimento, para que não ocorra dúvida sobre a mensagem que a poeta quer nos passar.

O modo insignificante que muitos homens têm diante do prazer feminino é apresentado na frase: “Por exemplo, cada vez que o homem goza e tá **pouco se lixando** para a sensibilidade do meu tesão”. A gíria “pouco se lixando” expressa o sentimento de desinteresse e importância perante o prazer feminino, pois o que importa para alguns homens é o seu próprio prazer.

Outra expressão utilizada pela poeta é o “mimimi”: Cada vez que eu choro e minha lágrima é considerada “**mimimi**”, sensibilização”. Essa expressão utilizada na linguagem informal é uma onomatopeia que satiriza o som feito por uma pessoa que reclama sem motivos, assim, ao relacioná-la ao choro e a lágrima de uma mulher é o mesmo que tratá-las como um sentimentalismo.

A expressão “é coisa de homem” presente no trecho da poesia “Receba a Delicadeza”:
 “Porque assim, cara, não é legal, sabe?! Invadir o espaço de outra mulher na rua. É porque **é coisa de homem**. Então tá bom! Cancela o feminismo, galera, cancela tudo. **É coisa de homem**, deixa quieto”. É uma expressão utilizada para tratar as atitudes machistas justificando, o que é injustificável, que elas são da natureza do homem e por isso elas não podem ser mudadas.

O uso de perguntas retóricas: “Vocês querem anular o que eu sinto? Só por que no meio das suas pernas tem um pinto?” / Achou ruim qualquer coisa? Chama na gerência. / Desde quando “nois” começou a agradecer a geladeira por gelar? Não é obrigação?” presentes na poesia “Receba a Delicadeza” têm a pretensão, através do sarcasmo, expressar a indignação da poeta diante de atitudes machistas.

Outro fato interessante é o título da poesia “Receba a delicadeza” ser uma grande ironia ao conteúdo da poesia que através das escolhas de palavras e expressões demonstram o sentimento de revolta. Portanto, apesar de “delicadeza” ser uma palavra que caracteriza o sutil, as frases: ‘Cês tá me tirando, não é possível.’ e ‘A vai se ferrar.’ demonstram o contrário.

Na poesia “Feminismo e Cu” são utilizados adjetivos “bons” para caracterizar os homens: “Se achando o melhor, **o bonzão**”; “Então, então cada um aqui que estiver se achando muito **machão**, cuidado!”. Contudo, é preciso se atentar que eles são utilizados de modo a ironizar a visão que muitos homens têm deles mesmos.

Já o adjetivo “ruim” encontrado na poesia “Abusivo” de Mariana Felix: “Sua voz alta é o grito baixo do **opressor** que todo dia te mata”, serve para expor as verdadeiras características de muitos homens, aquelas que eles tentam esconder.

Os verbos de ação relacionados às mulheres, são verdadeiros comandos: denunciar, fortalecer, empoderar, desengasgar, reagir, revidar, entre outros. Esses tipos de verbos, no caso dessas poesias, são necessários para alertar e dar força a nós mulheres, que às vezes, precisamos somente disso para sair ou não entrar em uma relação abusiva. A intenção é mostrar que nós mulheres temos força para acabar com um sistema opressor e machista, mesmo que sejamos bombardeadas por adjetivos ofensivos, como: “puta” e “louca”, como mencionam as poetas,

por homens que querem desmerecer nossa luta. Como afirma a *slammer*, Tawane Theodoro: “É que nois tá sem tempo de ficar escutando vocês reclamando. É que a gente tá mais ocupada se fortalecendo e nos empoderando.”

De modo geral, as poesias “Feminismo e Cu” e “Receba a delicadeza” são constituídas de discursos direcionados para os homens, como modo de enfrentamento, isso pode ser visto nas frases: “Porque se **você** acha mesmo que o teu pau é dono do mundo, lembra bem que na parcela de contribuição, **você** só deu uma esporrada” e “Seus comentários na rua me enjoam”. O sujeito “você” e o sujeito oculto presente em “seus” ligados a ações sociais masculinas demonstram para qual sujeito os discursos estão sendo direcionados.

Já a poesia “Abusivo” tem seu discurso voltado para as mulheres isso pode ser notado através da presença dos adjuntos adnominais presentes nas frases: “Me diz, **preta** , ele não te atendeu?”, “Voa, **passarinha!** ”, “ **Pequena** , seu relacionamento não é mais ninho”.

Outro ponto interessante na poesia da poeta Mariana Felix é a repetição do adjetivo “Abusivo” antes da frase “O seu relacionamento não é mais ninho” que reforça a característica negativa deste tipo de relacionamento e o desejo de alertar a mulher que qualquer relacionamento que a mesma não se sinta acolhida e protegida, como se fosse um pássaro em um ninho, é um relacionamento tóxico. A frase “não é mais ninho” significa o local para não estabelecer parada, não permanecer mais ali.

Na mesma poesia, a poeta faz uso da metáfora “Ele corta suas asas que é pra você não voar”, para comparar a liberdade da mulher ao voo de um passarinho, pois no momento que o homem retira sua liberdade, através de regras e violência, ela fica presa, no caso da poesia, a um relacionamento abusivo.

Na poesia da poeta Tawane Theodoro, há o uso de frases que expressam ordens, como: “Não encosta!”, “não toca!”, “não rela!”, “não abraça sem permissão!”, “não quero você!”, entre outras. A importância de destacá-las na análise e do fato delas estarem presentes na poesia é o fato de apesar de serem frases de ordem simples e claras, que nós mulheres em alguma vez

na vida já tivemos que usar para interromper uma atitude masculina indesejada, elas ainda não são compreendidas e/ou respeitadas por muitos homens.

Diferente de outros discursos, o discurso defendido pelas poetisas não tem o objetivo de esconder sua intenção, muito pelo contrário, o que elas querem é denunciar, expor o machismo.

E para a construção dessas denúncias, as poesias trazem bastantes verbos de ação. É interessante observar os diferentes tipos de verbos de ações negativas que são relacionadas aos homens, alguns exemplos encontrados são: cuspir, estuprar, xingar, matar, socar e espancar. Ou seja, elas querem expor o comportamento agressivo de muitos homens contra as mulheres, comportamentos que muitos só demonstram entre quatro paredes. E como podemos notar a maioria das ações faz uso da força física, que é o modo que muitos homens encontram de manter seu poder, superioridade e dominação diante das mulheres.

5.2.3 Análise com base na prática discursiva

O *Slam*, mais especificamente o *Slam* da Guilhermina, é uma batalha de poesia falada, que ocorre em praça pública. Apesar de haver regras, as batalhas são abertas para qualquer um que queira se apresentar ou assistir. Lembrando que quem assiste também julga as apresentações. Desse modo, os poetas ao produzirem suas poesias precisam utilizar de diversas ferramentas para captar a atenção da plateia.

Diante disso, por ser um evento de poesia falada, o gênero apresentado pelas *slammers* é a poesia, mas que não segue as métricas e regras de estruturas clássicas, pois esse não é o foco. No *Slam* “o sujeito exerce também o seu poder de voz, de cidadão atuante e deliberante, posto que, poeticamente, põe em evidência, na sua performance, os tópicos que julga pertinentes e carentes de serem abordados por outro viés.” (VOLMER et al., 2021, p. 415), isto demonstra que a preocupação do *Slam* é dar voz aos marginalizados.

Desse modo, podemos afirmar que o fato de as poetisas só poderem utilizar a voz como instrumento de apresentação não prejudica suas performances, até porque: “Ouvindo uma voz ou emitindo a nossa, sentimos, declaramos que não estamos mais sozinhos no mundo. A voz

poética nos declara isto de maneira explícita, nos diz que, aconteça o que acontecer, não estamos sozinhos. (ZUMTHOR, 2014, p. 83, grifo do autor). E é exatamente essa ligação entre o poeta e o público que busca o *Slam* e que é tão bem executada pelas *slammers*.

O sucesso da execução das poesias também se dá pelo fato de as poetisas fazerem uma ligação eficiente entre o contexto feminista das apresentações e os seus propósitos. Os propósitos buscam, primeiramente, produzir poesias que consigam denunciar e expor as problemáticas que são efeitos do machismo. Na poesia “Feminismo e Cu” a *slammer* expõe o fato de muitos homens se colocarem em um nível acima da mulher, em diferentes âmbitos: o sexual, profissional, sentimental e amoroso. Já na poesia “Receba a Delicadeza”, a *slammer* expõe determinados homens que querem que as mulheres continuem delicadas e submissas diante de suas atitudes machistas. Por último, temos a poesia “Abusivo”, na qual, a *slammer* denuncia o relacionamento abusivo, fato vivido por muitas mulheres.

E outro propósito é conseguir passar o sentimento de empoderamento, neste caso as poetisas o realizam através de frases como: “As minas tão chegando é forte.”, “Se quer mina vai e faz.”, “Reagi!”. Desse modo, o público feminino que está presente nas apresentações se sente mais próximo das *slammers*.

Para conseguir realizar seus propósitos as poetisas abordam o machismo e a importância do feminismo, de forma clara e bastante eficiente, utilizando artifícios linguísticos, como os mencionados na prática textual e os comunicativos, como: a entonação, oratória e a performance. Ao assistir as apresentações das *slammers* é possível notar que através de uma performance bem executada, o discurso político e ideológico é interpretado e compreendido pelo público de modo satisfatório e positivo. Isso pode ser notado pelas palmas e gritos de aprovação da plateia diante do que está sendo apresentado.

Outro fator importante é o fato de as ideias expostas no discurso estarem bem articuladas e interligadas entre si, apesar do não uso da norma culta. Isso permite a efetiva coerência textual e conseqüentemente desperta um sentimento de confiança dos sujeitos-ouvintes perante os fatos machistas expostos e contribui com o consumo do público, que não terá reação de estranhamento ou de falta de entendimento diante do que está sendo apresentado.

Além disso, os argumentos utilizados pelas poetisas para denunciar o machismo se sustentam nos próprios atos machistas, como o assédio: “Invadir o espaço de outra mulher na rua”, violência: “Não deixa as digitais dele no seu pescoço criarem marca” e ilusões “Cada vez que eu te ofereço amor e você me oferece a superficialidade dessa falsa paixão.”.

E apesar de as poesias serem estruturadas por várias situações machistas, o sentido principal, de que as mulheres não aceitarão mais o domínio machista, não é prejudicado. As repetições de certas palavras e termos como: “abusivo” e “cada vez” também não prejudicam o entendimento e consumo do discurso, pois atribui ritmo às poesias.

No ato de produção também se encontra a presença da intertextualidade, que auxilia na interpretação do público, por exemplo, a frase: “Ninguém meteu a colher” presente na poesia “Abusivo” da poeta, Mariana Felix, advém de um famoso ditado popular que diz “em briga de marido e mulher, ninguém mete a colher”, que nada mais é do que um forte tabu ultrapassado, preconceituoso e machista que afasta qualquer tipo de ajuda que possa salvar a vida de uma mulher que vive em um relacionamento extremamente doentio e violento.

Contudo, apesar de ele ser bastante antigo e mesmo não sendo tão dito nos dias atuais, o silenciamento e o não envolvimento de terceiros em situações de violência são bastante comuns.

A partir desse processo de produção, a distribuição das poesias, no caso do *Slam*, se dá por meio das apresentações ao vivo e através das publicações dos vídeos na *internet*. Desse modo, o seu nível de alcance aumenta consideravelmente. A poesia “Receba a Delicadeza”, por exemplo, postada no canal do “*Slam da Guilhermina*” no *Youtube* possui mais de 642 mil visualizações, ou seja, isso mostra que o consumo das poesias não se dá somente através do ao vivo, mas também das redes sociais e sites.

5.2.3 Análise com base na prática social

Retomando a prática textual e a discursiva, é interessante notar que o objetivo central das poesias das *slammers* é expor o abuso de poder e a desigualdade proporcionados pela hegemonia machista e o fato delas continuarem fortemente presentes na sociedade.

O poder e influência do machismo explica-se pelo fato da sua ideologia está enraizada em diferentes âmbitos da sociedade: o econômico, religioso, político, familiar e midiático e do fato dele ter sido naturalizado, ao longo dos anos, a ponto de suas problemáticas serem consideradas situações “comuns”. Desse modo, a predominância do seu domínio permite uma relação de poder abusiva contra as mulheres, na qual o machismo busca colocar o homem sempre em uma posição de superioridade.

Contudo, essa relação de poder está aos poucos sofrendo mudanças. O discurso presente nas poesias busca causar transformação nessa relação de poder pré-estabelecida. Além disso, a necessidade de existência dessas poesias justifica-se pelo descontentamento de grande parte da população perante o domínio machista. Sua estrutura preconceituosa e excludente, que causa diferentes violências, já não é mais tão “aceita”. Com as evoluções sociais e com as manifestações constantes dos marginalizados, através de canais, como o *Slam*, diversos indivíduos estão desconstruindo seus modos de pensar.

Assim, as poesias das *slammers* tornaram-se um meio difundir um pensamento mais feminista, com intuito de enfraquecer o poder do machismo e causar mudanças sociais que promovam maior equidade sociais, respeito e empoderamento feminino. Desse modo, buscam despertar no público uma consciência mais crítica da ideologia e hegemonia machista.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho era realizar uma análise crítica do discurso de poesias feministas apresentadas no evento *Slam* da Guilhermina buscando na análise expor o poder, a presença e os problemas presentes no discurso e no sistema machista. Essas exposições do machismo facilitou a análise, pois não precisamos buscar no discurso o que o machismo tenta manter implícito, pois já está tudo exposto. Além disso, a análise busca auxiliar o desenvolvimento da consciência do público, dando a chance de desconstruir o que o machismo “plantou” em suas mentes.

Contudo, foi necessária toda uma explicação histórica sobre o feminismo que servisse de base para o entendimento do que está sendo falado nas poesias e claro para entender o porquê das denúncias e exposições realizadas pelas poetisas. A partir disso, buscamos entender a importância do espaço proporcionado pelo *Slam* para a voz feminina e também o poder do discurso machista e os problemas gerados por ele.

Assim, a análise crítica do discurso das poesias permitiu não só expor o que o discurso machista tenta, muitas vezes, mascarar da sociedade mais também explicar o fato de haver a necessidade de acabar com o poder adquirido por esse tipo de discurso, abrindo espaço para um discurso que permita maior equidade entre os gêneros. E ao ver e entender os problemas graves que preenchem o machismo, fica mais fácil lutarmos contra e promover mudanças.

Por fim, é preciso que fique claro que o *Slam* é somente um modo pelo qual nós mulheres podemos lutar e continuar a expor o machismo, há muitas outras maneiras e espaços que devemos ocupar e mostrar que somos capazes, não aceitando mais a submissão e o silenciamento.

7. REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo – a experiência vivida**. 4º ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1980.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 2º ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- BRASIL. **Constituição** (1988). **Constituição** da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado **Federal**: Centro Gráfico, 1988.
- D’ALVA, R. E. **SLAM: voz de levante**. Rebento, São Paulo, nº. 10, p. 268- 286, 2019.
- D’ALVA, R. E. **Um microfone na mão e uma ideia na cabeça**. In: *Synergies Brésil* nº 9, p. 119-126, 2011.
- DIJK, Teun. A. Van. **Discurso e poder**. 1º ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. 2º ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2019.
- FREITAS, Daniela Silva De. **Slam Resistência: poesia, cidadania e insurgência**. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, nº. 59, p. e5915, 2020.
- FRIEDAN, Betty. **Mística feminina**. 1º ed. Petrópolis: Vozes, 1971.
- KEHL, M. R. **Deslocamentos do feminino**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Imago, 2008.
- MACHADO, Lia Zanotta. **Masculinidades e violências: gênero e mal-estar na sociedade contemporânea**. *Série Antropologia*, nº. 290, 2001.
- MANSUR, Luci Helena Baraldo. **Experiências de mulheres sem filhos: a mulher singular no plural**. *Psicol. cienc. prof.* Vol. 23, nº 4. p. 2-11. Dez, 2003.
- MELO, Iran Ferreira de. **Análise Crítica Do Discurso: Modelo de análise linguística e intervenção Social**. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, p. 1335 – 1346, 2011.

MERLINO, Tatiana. **Luta, substantivo feminino: Mulheres torturadas, desaparecidas e mortas na resistência à ditadura.** São Paulo: Caros Amigos, 2010.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

SCAVONE, Lucila. **A maternidade e o feminismo: diálogo com as ciências sociais.** Cadernos Pagu. n.º. 16, p. 137-150, 2001.

SCAVONE, Lucila. **Maternidade: transformações na família e nas relações de gênero.** Interface - Comunicação, Saúde, Educação. UNESP. Vol. 5, n.º. 8, p. 47-59, 2001.

SILVA, Caio Ruano da. **Posicionando o slam poetry no debate da teoria política.** Anais do Seminário de Ciências Sociais PGCS-UFES. Vol. 3, 2018.

VOLMER, Lovani; CONTE, Daniel; SOUZA, Suzana da Silva. **O encontro entre poesia e crítica social nas edições de Slam.** Scripta Uniandrade. Vol. 19, n.º. 1, p. 395-421, 07 ago. 2021.

WEBER, M. **Ensaio de Sociologia.** 5º ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1982.

ZUMTHOR, P. **Performance, recepção, leitura.** 2º ed. São Paulo: Cosac & Naify, 2014.

8. ANEXOS

FEMINISMO E CU – MONIQUE MARTINS

Disseram que eu sou feminista e eu falava de cu.

Aí eu decidi fazer um poema lí-ri-co e bem *didáticozinho*.

Para poder explicar sobre a relação abusiva de sexo e poder.

Ai que você vai ver que desde que o mundo é mundo

a voz da mulher sempre foi calada.

Desde que o bando de Cabral chegou impondo o seu poder

as custas de muita índia e preta estuprada.

Não, não, não...

Vamos voltar há muitos anos atrás, porque desde dessa história
que Deus criou Eva depois de Adão.

O homem já começou a humanidade e entendendo tudo errado.

Se achando o melhor, o bonzão.

Eu poderia dizer uma pá de fita para rimar com essa questão.

Por exemplo, cada vez que o homem goza

e tá pouco se lixando para a sensibilidade do meu tesão.

Cada vez que eu te ofereço amor

e você me oferece a superficialidade dessa falsa paixão.

Cada vez que no mesmo cargo o homem ganha mais alto e sai na rua bradando razão.

Cada vez que você me atravessa brutalmente com seu sim

achando que ele tem que ser mais forte do que o meu soletrado não.

Cada vez que me chama de feminista louca, puta e não respeitam a minha condição.

Cada vez que eu choro e minha lágrima é considerada “mimimi”, sensibilização.

Cada vez que na prática vocês esquecem foi que nasceu de um útero

e não da costela de Adão.

Então, então cada um aqui que estiver se achando muito machão, cuidado!
As minas tão chegando é forte.
Munida de poema para denunciar o patriarcado.
Nem a guerra de ego, ameaça velada.
É só mesmo pra lembrar que a nossa voz, nunca mais será calada.
Nem adianta me cuspir o seu cinismo.
Eu tô é cansada dessa merda de falocentrismo.
Então eu falo da falácia desse falo.
A minha voz eu não calo.
Se você não está pronto pro diálogo, fica calado!
Cala a boca! Escuta!
Põe no bolso essa sua tese de achar que toda mina empoderada é puta.
Cada vez que você pensar em chamar uma mulher de puta,
lembra bem da mãe que te pariu.
E sentiu a dor do parto.
Porque se você acha mesmo que o teu pau é dono do mundo.
Lembra bem que na parcela de contribuição, você só deu uma esporrada.
Porque foi mesmo no ventre de uma mulher que a tua vida foi gerada.
(Transcrição própria)

RECEBA A DELICADEZA – TAWANE THEODORO

Boa noite!

É... desculpa atrapalhar.

Eu queria pedir por gentileza.

Assim, se não for pedir muito.

Que vocês tomassem cuidado com as coisas que falam, com as coisas que fazem.

Porque assim, cara, não é legal, sabe?!

Invadir o espaço de outra mulher na rua.

É porque é coisa de homem. Então tá bom!

Cancela o feminismo, galera, cancela tudo.

É coisa de homem, deixa quieto.

Cês tá me tirando, não é possível.

Para achar que minha paciência chega nesse nível.

A gente só toma na cara e quer que sejamos delicadas. (risos)

Tá aqui (apontando os dois dedos médios para a plateia) a delicadeza de vocês.

Lembra das porcentagens que eu citei?

Eu não queria ser feminista.

É, o tempo passou e só aumentou a lista.

Vocês querem anular o que eu sinto?

Só por que no meio das suas pernas tem um pinto?

É, mas eu acredito que seja difícil.

Achar que vai liderar e as minas vai cagar pra isso, tadinho.

Mas, que tal superar?

Que as minas veio para dominar e não pra ti dá.

E falando em dá. Porra! Que autoestima.

Uma cantada para quem você não conhece e já acha que vai rolar um clima, se liga!

Seus comentários na rua me enjoam.

E nem de longe você vai ter moral.

Então para de se achar o tal.

Achou ruim qualquer coisa? Chama na gerência.

Mas por aqui vocês não vão ter preferência.
Porque eu acho que já entenderam que cansei de ser delicada.
Porque vocês só querem seu ego aumentar.
E quando cada dia aparece mais uma mina morta.
Então, eu cansei de brincar.
Quem perdoa é Deus nois tá aqui para cobrar.
E vocês querem prêmio Nobel por respeitar.
Desde quando nois começou a agradecer a geladeira por gelar?
Não é obrigação?
Então não vem pagar de louco aqui não.
E eu ainda tô vendo vários hipócritas, que ficam fazendo a Kátia
quando alguma decisão tem que tomar.
Vocês estão pique Dora Aventureira dentro da água salgada perguntando
onde que tá o mar?
A vai se ferrar (aponta o dedo médio para plateia).
Se paga de santo, ama passar pano
e tão fazendo isso mais do que eu faço no meu piso.
E olha que eu tenho virgem no mapa, então faço isso de modo continuo.
Vai escutar o "pano rasga" do rap plus size, depois cês vem falar comigo.
Porque a gente segue sendo taxada de fraca mesmo sendo forte pra caralho.
E vocês são os mais fortes até quando a gente que faz o trabalho.
Tamo ligado nessa sua essência.
"Ceis" tão é com síndrome de síntese.
Eu espero de verdade que vocês tenham pegado a referência.

Então entenda!

Não encosta, não toca, não rela.

Não abraça sem permissão.

Não te dei bola, não vem procurar brecha.

Você não tem sempre razão.

Não me amola, não vou te dar bola.

Não quero você, nem sua opinião.

Não se escora, não vem com essa história de nem todo homem,
se você não sabe ouvir não.

Tô focado nos meus corre e isso vai se seguir assim.

Nem pense na ideia de querer vim mandar em mim.

Sou dona da minha própria caminhada e de palavra tamo engatilhada.

E eu aposto com vocês que vai ser difícil segurar a rajada.

E olha que eu só tenho dezenove anos e se já tô te incomodando desse jeito.

Por querer derrubar seus privilégios e saber dos meus direitos.

Pensa como a mais nova geração vai chegar com os dois pés no seu peito. Sem medo.

Sabendo do que pode e do que é capaz.

Sem essa de mulher não pode isso ou aquilo.

Se quer mina vai e faz.

E ninguém, ninguém tem o direito de te impedir.

Então, desculpa memo parceiro, desculpa memo.

É que nois tá sem tempo de ficar escutando vocês reclamando.

É que a gente tá mais ocupada se fortalecendo e nos empoderando.

Poucas.

(Transcrição própria)

ABUSIVO – MARIANA FELIX

Dono das vidas, das vilas do lado de lá.

Maquia a dor e o amor das mulheres de cá.

Cozinha, tempera, espera que não vai chegar.

Ele corta suas asas que é pra você não voar.

Me diz preta, ele não te atendeu?

Em qual prato nesta terça à tarde, se acha que ele comeu?

Conta mesmo pequena, ele te xingou?

Ele diz que tem problema,

mas não se preocupa com os problemas que em você ele causou.

Abusivo!

O seu relacionamento não é mais ninho.

O seu sorriso meio sem graça, não esconde o tapa na cara.

Sua voz alta é o grito baixo do opressor que todo dia te mata.

Desengasga!

Não deixa as digitais dele no seu pescoço criarem marca.

Voa passarinha!

Carrega na asa a coragem e suas crias.

Revida!

Ele corta suas asas, que é pra você não voar.

Então faz voo solo.

Espalha a semente do amor próprio, onde ele sofre com o do ódio.

Ele não te deu respostas.

Enquanto você chorava, ele te deu as costas.

Já acertou no ponto certo, enquanto o ônibus, passagem.

Te socou a boca do estômago, enquanto as pessoas gritavam.

Um silêncio covarde.

Ninguém meteu a colher.

Então ele sacou a faca.

Na primavera colorida foi preta e branca cada apunhalada.

Chora, renasce, não olha pra trás!

Coragem, parte!

Nunca, preta, nunca vai ser tarde.

Reagi!

Porque é abusivo.

É abusivo! É abusivo!

Pequena, seu relacionamento não é mais ninho.

Eu tô fugindo de onde.

Eu tô fugindo pra onde.

De homem que me espanca.

Puxa minhas tranças.

Homem que me espanca, me cospe, puxa minhas tranças.

Eu tô fugindo de homem.

Eu tô fugindo de homem.

Respira, preta!

Você vai conseguir seguir com sua vida.

Salve Linn da quebrada!

(Transcrição própria)